

Indústrias gaúcha e brasileira em 2008: desempenho abalado pela crise mundial*

Áurea Breitbach**

Clarisse Chiappini Castilhos***

Economista da FEE

Economista da FEE

Introdução

Para melhor compreender o desempenho da indústria brasileira em 2008, faz-se necessário ter presente algumas das características mais recentes do tecido industrial brasileiro, que podem ser sintetizadas nos seguintes elementos: tendência à especialização em indústrias produtoras de *commodities* e em alguns segmentos fortemente sustentados pelo consumo doméstico; perda de competitividade dos segmentos produtores de bens de consumo cuja comercialização depende fortemente das taxas de câmbio; fraca expansão dos setores intensivos em tecnologia e aumento da dependência de componentes importados; e concentração do crescimento da indústria de bens de capital em alguns segmentos.

Esse quadro, que se originou das políticas econômicas implementadas a partir da década de 90, tornou a indústria brasileira mais vulnerável às oscilações da economia mundial, precipitando os efeitos da atual crise do sistema financeiro-creditício internacional sobre a atividade produtiva. No entanto, cabe ressaltar que as políticas sociais compensatórias adotadas nas duas últimas gestões do Governo Federal viabilizaram o crescimento da produção industrial, na medida em que favoreceram o consumo doméstico, sobretudo o das classes de baixa renda, que possuem uma forte propensão marginal a consumir. Além disso, o consumo interno de bens duráveis, em particular de automóveis, foi estimulado por condições creditícias que permitiram a inclusão de novas faixas de renda nesse mercado, em que pesem as altas taxas de juros em vigor.

A recente configuração da indústria brasileira pode ser visualizada com base nos últimos dados disponibilizados pela Pesquisa Industrial Anual (PIA-IBGE), que concernem ao ano de 2006. Eles demonstram a forte elevação da participação das atividades produtoras de *commodities* (extração de minerais metálicos; fabricação de coque, refino de petróleo, etc.; e metalúrgica básica) no Valor da Transformação Industrial (VTI) e nos investimentos industriais. Essa mesma fonte mostra queda na participação dos setores tradicionais (produtos alimentícios e bebidas, têxteis e confecções, couro e calçados) e dos de média e alta intensidade tecnológica (fabricação de produtos químicos, de produtos de metal e de máquinas e equipamentos) no que concerne às variáveis acima mencionadas (A evolução..., 2008).

À luz dessas alterações estruturais, segue-se a análise do desempenho industrial do Brasil e do Rio Grande do Sul, salientando-se que tanto a política macroeconômica quanto a situação da economia internacional exercem influências inequívocas sobre a atividade produtiva.

O desempenho da indústria brasileira

Até o mês de setembro de 2008, a produção industrial brasileira cresceu a taxas expressivas (6,43%) e superiores às verificadas em igual período de 2007 (5,35%), conforme mostram os índices acumulados da produção física com base em igual período do ano anterior. No entanto, a crise financeira internacional, que se manifestou em setembro, refletiu-se na acentuada desaceleração do ritmo de crescimento no último trimestre do ano, tendo recuado no período jan.-dez./08 para 3,11%, contra 6,01% no ano de 2007 (Tabela 1).

O Gráfico 1 permite visualizar o desempenho global da indústria brasileira em 2007 e 2008, através dos

* Artigo recebido em 21 jan. 2009.

** E-mail: aurea@fee.tche.br

*** E-mail: castilhos@fee.tche.br

As autoras agradecem as sugestões e as críticas das colegas e economistas do Núcleo de Análise Setorial, Maria Lucrécia Calandro e Sílvia Horst Campos.

índices mensais de crescimento da atividade industrial (PIM-PF, IBGE), de base fixa (média de 2002 = 100), com ajustamento sazonal. A análise leva em conta o período de nov./06-dez./08 e abrange as seguintes subdivisões: indústria geral, indústria de transformação e indústria extrativa mineral.

Em primeiro lugar, observa-se uma trajetória de crescimento continuado, embora com algumas oscilações, em torno de 4,0% a.a. até setembro de 2008, tanto da indústria geral como da de transformação. A partir de outubro, no entanto, os índices indicam uma inflexão nessa trajetória, com ambas as indústrias apresentando recuos acentuados no nível de produção. A indústria de extração mineral, por seu turno, vinha mantendo um ritmo de expansão superior ao da indústria de transformação, o que pode ser atribuído à especialização em *commodities*, anteriormente referida. A produção desse setor manteve-se num patamar mais elevado, com destaque para os meses de dezembro de 2007 a fevereiro de 2008. No mês de novembro, esse movimento ascendente foi interrompido em decorrência da crise internacional, resultando em queda de 16 pontos percentuais com relação a outubro e de outros 16 pontos em dezembro com relação a novembro, totalizando uma perda de 32 pontos percentuais em dois meses.

O Gráfico 2 apresenta os índices mensais acumulados da produção industrial com base em igual período do ano anterior, sob a ótica das categorias de uso. Pode-se, assim, verificar que, no ano de 2008, todas as curvas alcançaram o mês de dezembro com taxas positivas, ainda que tenham apresentado altos e baixos destacáveis ao longo do período.

A curva correspondente aos resultados da indústria de transformação mostra crescimento da produção física nos meses de janeiro (8,77%) e fevereiro (9,23%) e desaceleração no ritmo de crescimento no mês de março (6,39%). Esse patamar de produção foi mantido até o mês de outubro (5,74%), sofrendo quedas mais intensas nos meses de novembro (4,57%) e dezembro (3,08%).

Entre as categorias de uso, a indústria de bens de capital, embora tenha registrado os melhores resultados numéricos, também registrou queda de sua taxa de crescimento entre o mês de janeiro de 2008 (15,05%) e o acumulado jan.-dez. (14,4%). No mesmo período, o setor de bens de consumo intermediários decresceu de 8,04% para 1,55%; o de bens de consumo duráveis, de 15,65% para 3,54%; e o de bens de consumo semiduráveis e não duráveis, de 5,93% para 1,36% respectivamente.

Observa-se que a desaceleração assinalada no mês de outubro foi liderada pelo setor de bens duráveis de consumo, que registrou uma queda de 12,11 pontos

percentuais entre janeiro e o acumulado jan.-dez./08. Nesse mesmo período, a indústria de bens de consumo intermediários decresceu 6,49 pontos percentuais, e a de bens de consumo não duráveis, 4,57.

O desempenho industrial por categorias de uso pode ser melhor compreendido pela análise das atividades produtivas, conforme informações da Tabela 1. No caso dos bens duráveis, o destaque é a produção de veículos automotores, que, apesar da desaceleração da produção, ainda registrou uma taxa acumulada de 8,23% em 2008, contra 15% em 2007. Apoiadas em um mercado interno em expansão, em razão do aumento da renda real, da redução dos juros e do alongamento dos prazos de financiamento, as montadoras ampliaram os volumes de produção até os limites de sua capacidade instalada. Como ressalta Calandro (2008, p. 8),

Impulsionada pelo bom desempenho do mercado interno, a produção de automóveis e comerciais leves, caminhões e ônibus manteve-se, por um longo período, em patamares historicamente elevados. Contudo essa situação começa a mudar, na medida em que os aumentos dos juros e o prazo menor de financiamento tornam os consumidores mais cautelosos (ou mais endividados), reduzindo a demanda interna e a produção.

Adicionalmente, a atual crise, ao reduzir o montante de crédito, produziu efeitos contracionistas sobre o consumo interno e, conseqüentemente, sobre a produção de veículos automotores.

O desempenho do setor de bens de capital, por sua vez, está diretamente relacionado aos investimentos produtivos. A orientação desses investimentos pode ser melhor avaliada pelas informações desagregadas segundo os tipos de máquinas, equipamentos e peças utilizados em sua fabricação, apresentados na Tabela 2. No acumulado jan.-dez./08, o maior índice foi alcançado pelo segmento de **peças para máquinas agrícolas** (58,77%), que é fornecedor da indústria de **máquinas agrícolas**, que atingiu a segunda melhor taxa (35,07%). Apesar de apresentarem taxas elevadas de crescimento, ambos já haviam começado a desacelerar a partir do mês de abril. O terceiro melhor desempenho coube a **equipamentos de transporte** (31,40%), que foi um dos únicos segmentos da indústria de bens de capital a continuar em expansão.

Os não-seriados também vêm aumentando sua produção, alcançando o mês de dezembro com uma taxa acumulada de 17,36%, provavelmente apoiada em encomendas do setor público, bem como das empresas privadas e estatais que operam nas áreas de mineração, infra-estrutura e construção civil. Esses investimentos foram estimulados pelas políticas públicas, em particu-

lar pelo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), lançado em janeiro de 2007. De fato, parte do crescimento da indústria de bens de capital sob encomenda relaciona-se com investimentos nas indústrias de extração mineral e de insumos petroquímicos e metalúrgicos, assim como na área de infra-estrutura.

Por outro lado, as menores taxas foram apresentadas por **bens de capital para fins industriais seriados** (2,83%) e **bens para construção** (5,59%). Os equipamentos seriados vêm reduzindo sua produção desde 2007, corroborando as observações de que os investimentos em substituição e modernização de equipamentos vêm reduzindo-se.

Esses dados desagregados indicam que a indústria de bens de capital brasileira ainda permaneceu aquecida graças às encomendas de segmentos específicos, como os do setor agrícola e de serviços (principalmente os de infra-estrutura), uma vez que o mercado industrial já sinalizava redução nas compras, nos últimos meses do ano. É provável que esses resultados estejam sinalizando que a produção industrial deverá decrescer ainda mais em 2009, visto que os investimentos industriais são os principais indicadores das expectativas empresariais. Cabe, ainda, ressaltar que a queda continuada na produção de máquinas para escritório e equipamentos de informática se soma às projeções mais pessimistas, já que é um segmento que representa, por excelência, a capacidade de inovação do setor industrial.

Enquanto o setor de bens de consumo duráveis tem sua *performance* positiva baseada principalmente no mercado interno, o setor de bens intermediários apóia-se principalmente nas exportações, já que é essencialmente fornecedor de *commodities* e seu desempenho depende das vicissitudes do mercado internacional. A desaceleração da produção de insumos já iniciou no mês de agosto, em consequência da queda dos preços internacionais, em especial os do petróleo. Através dos dados da Tabela 1, pode-se constatar que, no acumulado jan.-dez., com relação a jan.-set., houve desaceleração das atividades da indústria extrativa e dos principais segmentos produtores de *commodities* industriais como: **celulose, papel e produtos de papel, refino de petróleo e álcool, outros produtos químicos e metalurgia básica**.

Finalmente, cabe acrescentar que também os setores tradicionais vêm apresentando quedas, anteriores à eclosão da crise, em função, principalmente, da taxa de câmbio, como é o caso exemplar da indústria coureiro-calçadista, que será evocada quando da análise da indústria gaúcha. Conforme se observa na Tabela 1, a maior parte das taxas negativas registradas no acumula-

do jan.-dez./08 foi obtida por esses setores. É o caso de **fumo, têxtil e calçados e artigos de couro**. Desse conjunto, é possível que a indústria de calçados e outros segmentos exportadores possam recuperar um pouco do seu desempenho, devido à inversão da situação cambial que começou a se verificar nos últimos meses de 2008. Ao mesmo tempo, a retração no consumo internacional deverá limitar a recuperação na dimensão que esses setores necessitam.

No mês de outubro de 2008, o Governo lançou um novo conjunto de medidas visando amainar os efeitos da crise através do estímulo ao consumo interno, o que foi considerado por alguns analistas como inócuo e um pouco tardio para surtir os efeitos desejados. Além disso, tais medidas conflituam com a política macroeconômica vigente, na medida em que se propõem a estimular o consumo numa situação de juros altos.

Entre as medidas propostas para vigorar a partir de 2009, está a criação de duas alíquotas intermediárias do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF), o que resultará em uma redução da carga tributária para a classe média. Decidiu-se, ainda, pela redução do Imposto Sobre Operações Financeiras (IOF) para empréstimos a pessoas físicas, bem como pela diminuição da alíquota do Imposto Sobre Produtos Industrializados (IPI) para a compra de automóveis, tendo sido zerada para veículos ditos populares (Governo..., 2008).

Tabela 1

Taxas de crescimento acumuladas da produção industrial, por setores e atividades, no Brasil — 2007 e 2008

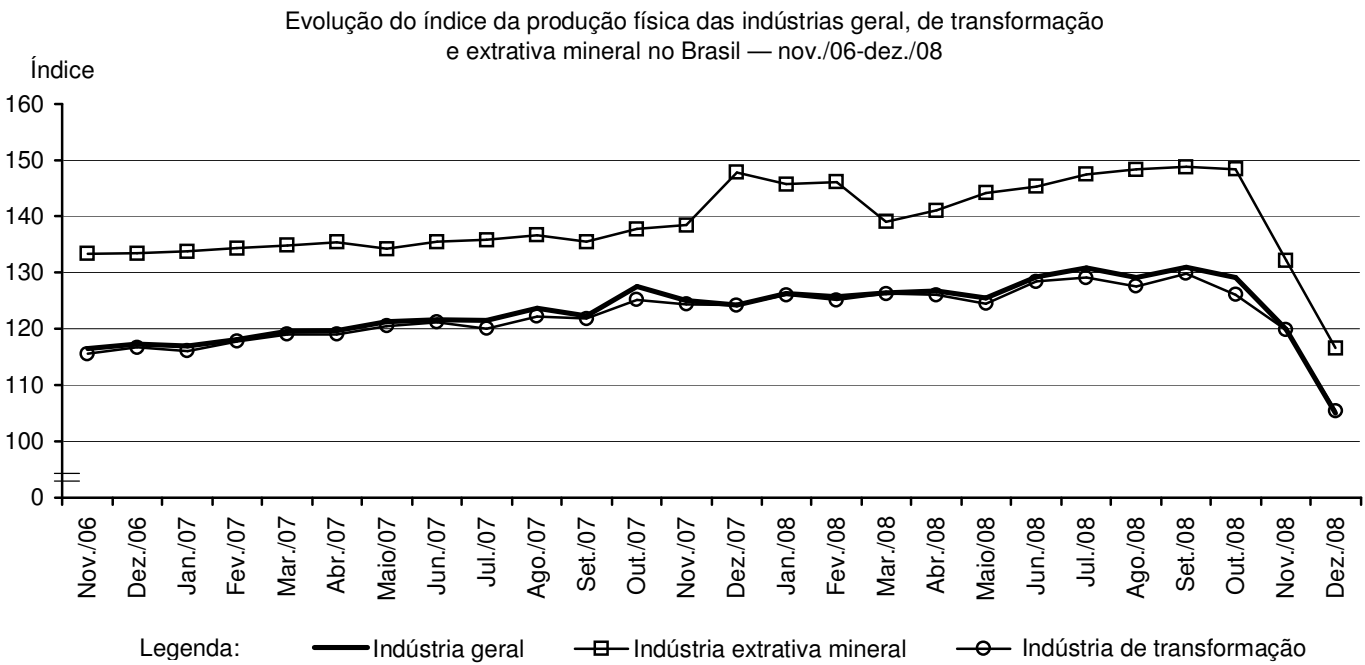
(%)

SEÇÕES E ATIVIDADES	2007		2008			
	Jan.-Set.	Jan.-Dez.	Jan.-Mar.	Jan.-Jun.	Jan.-Set.	Jan.-Dez.
Indústria geral	5,35	6,01	6,41	6,3	6,43	3,11
Indústria extrativa	5,79	5,87	6,8	6,54	7,36	3,78
Indústria de transformação	5,32	6,02	6,39	6,28	6,38	3,08
Alimentos	2,37	2,55	2,63	2,4	1,14	0,53
Bebidas	5,24	5,37	0,51	0,24	0,73	0,27
Fumo	-8,62	-8,14	-9,97	-11,23	-7,98	-7,04
Têxtil	2,93	3,82	0,83	0,35	0,34	-1,89
Vestuário e acessórios	3,62	5,1	7,71	6,11	5,97	3,46
Calçados e artigos de couro	-3,09	-2,24	-0,04	-3,59	-3,57	-6,75
Madeira	-2,56	-2,89	-2,67	-5,16	-8,93	-10,23
Celulose, papel e produtos de papel	0,01	0,76	5,51	6,35	6,97	5,24
Edição, impressão e reprodução de gravações	-0,57	-0,22	0,98	1,11	2,96	1,65
Refino de petróleo e álcool	1,48	3,05	1,66	2,11	1,93	0,37
Farmacêutica	2,35	1,91	-4,37	4,81	10,65	12,65
Perfumaria, sabões, detergentes e produtos de limpeza ...	6,57	5,07	-1,47	-3,04	-4,09	-4,67
Outros produtos químicos	5,77	5,65	9,46	5,36	4,45	-1,35
Borracha e plástico	4,06	5,88	7,84	8,91	8,75	2,16
Minerais não-metálicos	5,06	5,26	7,41	7,78	9,83	8,32
Metalurgia básica	6,66	6,75	7,77	7,55	7,77	3,28
Produtos de metal — exclusive máquinas e equipamentos	5,38	5,79	6,06	6	5,97	2,5
Máquinas e equipamentos	17,29	17,72	11,48	9,56	10,6	6,04
Máquinas para escritório e equipamentos de informática ..	15,27	14,41	-12,46	-5,35	-2,67	-8,8
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	11,87	13,98	8,61	6,92	6,98	3,69
Material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comuni- cações	-5,3	-1,06	10,2	10,53	6,2	-2,4
Equipamentos de instrumentação médico-hospitalar, ópti- cos e outros	-0,05	3,81	14,58	12,12	16,97	15,71
Veículos automotores	12,52	15	19,7	18,61	17,58	8,23
Outros equipamentos de transporte	18,42	13,94	27,41	33,14	31,54	42,23
Mobiliário	9,54	7,43	4,2	5,16	4,23	-1,35

FONTE: IBGE. Diretoria de Pesquisas. Coordenação de Indústria.

NOTA: Os dados têm por base igual período do ano anterior = 100.

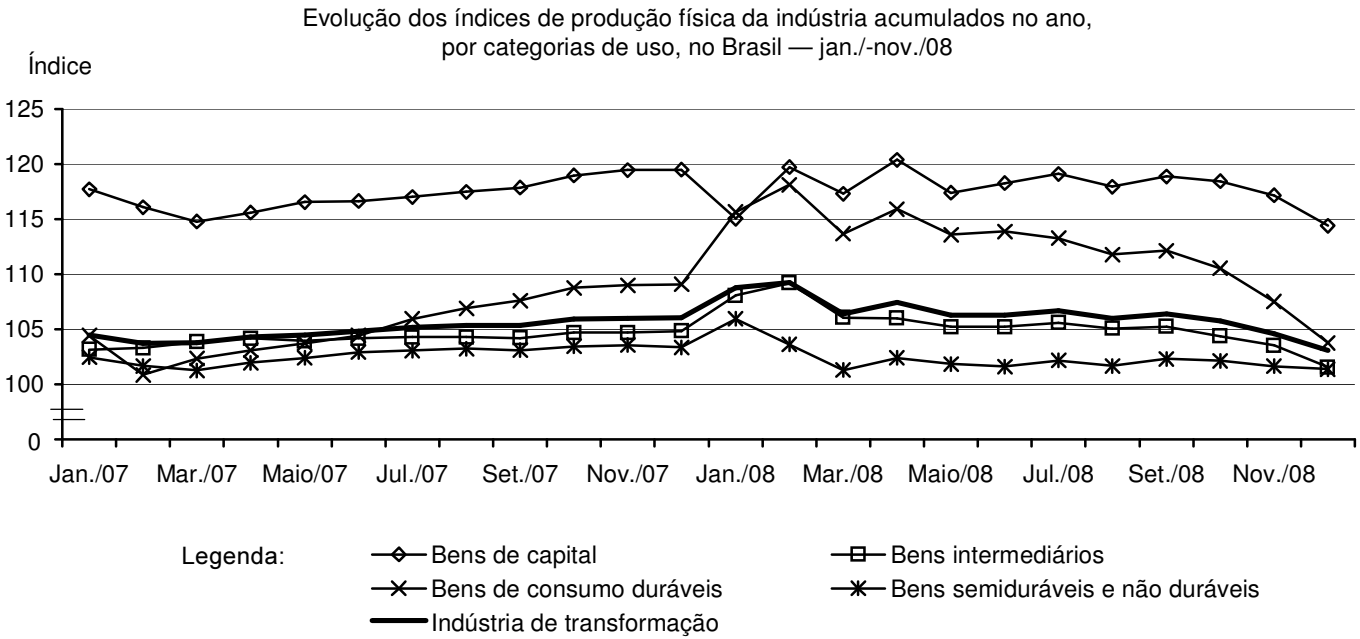
Gráfico 1



FONTE: PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL: número-índice. Rio de Janeiro: IBGE, 2006/2007. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 5 fev. 2009.

NOTA: Índices de base fixa média de 2002 = 100, com ajustamento sazonal.

Gráfico 2



FONTE: PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL: número-índice. Rio de Janeiro: IBGE, 2006/2007. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 6 fev. 2009.

NOTA: Os índices têm como base o mesmo período (acumulado) de 2007 = 100.

Tabela 2

Índices de crescimento acumulados da produção física de bens de capital, por principais segmentos, no Brasil — dez./07-dez./08							
SEGMENTOS	DEZ/07	JAN/08	FEV/08	MAR/08	ABR/08	MAIO/08	JUN/08
Bens de capital para fins industriais	116,95	115,69	116,43	115,98	115,46	113,1	111,94
Bens de capital para fins industriais seriados	118,49	116,97	117,66	116,98	116,51	113,67	112,18
Bens de capital para fins industriais não seriados	107,39	107,66	108,67	109,58	108,78	109,45	110,42
Bens de capital agrícolas	148,41	153,66	157,78	159,66	158,84	156,78	152,84
Bens de capital peças agrícolas	270,81	288,89	311,57	332,26	315,55	282,76	260,68
Bens de capital para construção	118,65	118,52	120,23	119,75	118,46	116,21	114,29
Bens de capital para o setor de energia elétrica	126,04	126,21	126,71	126,35	125,45	123,08	124,47
Bens de capital equipamentos de transporte	118,01	119,74	121,94	122,72	125,15	124,9	126,33
SEGMENTOS	JUL/08	AGO/08	SET/08	OUT/08	NOV/08	DEZ/08	
Bens de capital para fins industriais	111,97	111,8	112,35	111,65	109,2	104,69	
Bens de capital para fins industriais seriados	112,19	111,51	111,69	110,83	107,92	102,83	
Bens de capital para fins industriais não seriados	110,54	113,76	116,81	117,14	117,9	117,36	
Bens de capital agrícolas	150,87	145,2	147,09	144,12	139,78	135,07	
Bens de capital peças agrícolas	234,29	208,72	199,63	176,47	170,97	158,77	
Bens de capital para construção	114,5	111,07	112,29	110,28	107,68	105,59	
Bens de capital para o setor de energia elétrica	122,93	120,76	120,62	116,03	113,3	111,99	
Bens de capital equipamentos de transporte	127,33	126,67	127,65	129,09	130,47	131,40	

FONTE: PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: produção física. Rio de Janeiro: IBGE, dez. 2008.

NOTA: Índice acumulado em 12 meses, com base nos últimos 12 meses anteriores = 100.

O desempenho da indústria gaúcha

Visto globalmente, o ano de 2008 não foi desfavorável para a indústria gaúcha, pois a taxa de crescimento foi positiva, embora muito aquém do patamar atingido no ano anterior. Em 2007, a atividade industrial havia dado mostras de recuperação, depois de dois anos de taxas negativas de crescimento, conforme demonstram Calandro e Campos (2008).

As estimativas da FEE para o PIB industrial em 2008 indicam um crescimento de 6,7% (FEE, 2008). Para o desempenho desse setor, contribuem as atividades dos subsetores: indústria de transformação, com 6,5% de crescimento projetado; indústria da construção civil, com 9,3%; e serviços industriais de utilidade pública, com 4,3%. Desses dados, sobressai o forte dinamismo da construção civil, estimulado pela abundância de crédito

e pelas facilidades na obtenção de financiamentos pelas classes médias.

O objetivo desta análise é deter-se no comportamento da indústria de transformação em particular, bem como no dos principais gêneros que a compõem.

Quando examinado o desempenho mensal geral da indústria de transformação em 2008 (Gráfico 3), observa-se que houve uma grande oscilação nas taxas de crescimento até setembro, sendo que, a partir de outubro, elas são cada vez mais negativas. A linha pontilhada, representando a tendência, expressa uma clara desaceleração no ritmo da produção da indústria gaúcha no decorrer do ano em estudo, tendo atingido o preocupante percentual de -15,46 em dezembro.

Salienta-se que os dados aqui utilizados — que têm como base a Pesquisa Industrial Mensal do IBGE no que se refere à produção física — mostram com bastante clareza que os efeitos da crise financeira mundial não levaram muito tempo para atingir a indústria gaúcha.

É evidente que o comportamento altamente instável da produção industrial no decorrer do ano é reflexo das oscilações dos principais gêneros, motivo pelo qual é necessário empreender uma análise detalhada. Com o intuito de subsidiar a sua elaboração, apresenta-se, na Tabela 3, a estrutura da indústria de transformação do Rio Grande do Sul, cujas atividades são distribuídas conforme o peso das variáveis Valor da Transformação Industrial e emprego formal da RAIS. Essa estrutura reflete a importância dos gêneros industriais e, por consequência, sua influência no resultado geral da indústria de transformação.

Considerando ao mesmo tempo as duas variáveis, constata-se que os gêneros **produtos alimentícios e bebidas e couro, artefatos de couro e calçados** são os de maior peso relativo na indústria de transformação do Estado. Sobressaem ainda **máquinas e equipamentos, produtos químicos, veículos automotores, produtos de metal — exceto máquinas e equipamentos e móveis e indústrias diversas**. Se a esses forem adicionados os gêneros **produtos de fumo, artigos de borracha e plástico e metalurgia básica** ter-se-ão 10 atividades (ou gêneros industriais), representando mais de 80% da indústria gaúcha, tanto pelo VTI como pelo emprego. Assim, pode-se dizer que esse conjunto de atividades comanda o desempenho econômico da transformação industrial no Estado.

A Tabela 4 apresenta as taxas de crescimento acumuladas da produção por atividade industrial, permitindo cotejar 2008 com o ano anterior. Pode-se observar claramente que a indústria de transformação como um todo sofreu uma desaceleração no decorrer do ano em análise, sobretudo quando comparada ao seu desempenho em 2007.

Os desempenhos mais intensamente negativos foram verificados nos gêneros **bebidas e fumo**, sem se esquecer que o complexo coureiro-calçadista continua apresentando retração na produção, numa tendência que já vem de alguns anos.

O segmento produtor de **bebidas** obteve taxas negativas durante todo o ano de 2008, sendo que, no acumulado jan.-dez./08, atingiu -7,82%. Essa situação contrasta muito com a verificada em 2007, quando a produção de bebidas viveu uma situação bastante favorável (3,52%). Embora os dados mensais de 2008¹ apresentem uma oscilação, pode-se atribuir a desaceleração ocorrida no segundo semestre à expectativa de provável

retração no consumo, em função da entrada em vigor da chamada “lei seca”, que proíbe a combinação bebida alcoólica e condução de veículos. Essa hipótese é tanto mais plausível quando se observa que 73% da produção do segmento no RS é composta de vinhos, cervejas e chope.² No que concerne especificamente à produção gaúcha de vinhos, permanecem as condições desfavoráveis frente à competição dos importados, basicamente quanto ao preço de venda do produto. Na contracorrente, é de se salientar a expansão considerável da produção de espumantes, cujas vendas cresceram, entre janeiro e agosto de 2008, 35% em relação a igual período do ano anterior, conforme declaração do presidente da Uvibra (Vinícolas..., 2008).

A indústria do **fumo**, que inclui a produção de cigarros e de fumo processado, é uma atividade voltada preponderantemente à exportação e já apresentava taxas negativas no segundo semestre de 2007. Em 2008, essa tendência se aprofundou (-7,63% em jan.-dez.), sofrendo influência da política cambial, que enseja a desvalorização do dólar frente ao real. De fato, as exportações de fumo tiveram um crescimento negativo de 3,9% no período jan.-dez./08, em relação ao ano anterior, conforme texto sobre as exportações gaúchas.³

Por outro lado, há que se considerar a estratégia de algumas grandes empresas do setor fumageiro situadas no Estado, de deslocar unidades de produção para Santa Catarina, o que leva à diminuição da produção gaúcha. O motivo alegado por essas empresas para efetuarem essas transferências seria o fato de que, ao comprar o fumo em folha do estado vizinho, se geram créditos de ICMS, os quais têm ficado retidos pelo Governo, ocasionando perda de competitividade. Ao se transferirem para a região de produção da matéria-prima, esse problema ficaria minimizado.

Ainda há que se considerar que a parcela da produção de cigarros direcionada para o mercado interno também vem diminuindo em função da redução gradual do consumo. Além do preço elevado (do qual 65% são tributos), é inegável que as campanhas antitabaco do Ministério da Saúde e a proibição de fumar em locais públicos têm induzido a uma retração contínua no consumo.

As atividades do **complexo coureiro-calçadista** — responsável por 24% do emprego industrial do Estado (Tabela 3) — continuam apresentando desempenho

¹ Optou-se por não apresentar sob a forma de tabela ou gráfico o conjunto das taxas mensais de crescimento por atividade, mas apenas referi-las no texto, quando necessário.

² Segundo o levantamento feito pelo IBGE, em março de 2005, para fundamentar a metodologia da PIM-PF.

³ A esse respeito, ver **As Exportações Gaúchas em 2008**, nesta revista.

negativo, reproduzindo a situação de dificuldades dos últimos anos. A crescente participação dos calçados chineses em mercados tradicionalmente ocupados por fabricantes gaúchos e a convivência com o real valorizado por um longo período são fatores que explicam as quedas sucessivas nos volumes embarcados. Observa-se, contudo, que as taxas de crescimento da produção coureiro-calçadista no decorrer do ano de 2008, embora negativas, o são em menor intensidade que no ano anterior (Tabela 4). Numa certa medida, isso pode refletir o esforço de algumas empresas que estão conseguindo contornar — ainda que parcialmente — as dificuldades do setor, adotando estratégias competitivas mais agressivas, mediante a agregação de valor aos calçados e a abertura de novos canais de comercialização. Entretanto, dado o caráter limitado dessas estratégias, não se pode ainda vislumbrar sinais de recuperação para o setor como um todo.

As atividades industriais gaúchas que apresentaram os melhores desempenhos em 2008 foram: máquinas e equipamentos (22,11% no acumulado jan.-dez.), veículos automotores (12,94%) e alimentos (7,75%).

O gênero **máquinas e equipamentos** apresentou uma *performance* altamente positiva durante o ano de 2008, embora tenha fechado o período jan.-dez. com um arrefecimento na produção (22,11%), quando comparado com o mesmo período do ano precedente (33,31%). Pode-se dizer, entretanto, que 2008 foi palco de um crescimento sustentado desse segmento, apresentando decréscimo somente no final do ano. O dinamismo desse setor deve ser atribuído à expansão da produção de máquinas e implementos agrícolas, que representa 32% da produção do gênero no RS.⁴ Desde 2007, observa-se uma forte retomada de crescimento, assentada, principalmente, nas boas safras de grãos, que ensejaram, por sua vez, a capitalização dos produtores. Esse fato, aliado à relativa abundância de crédito, contribuiu para a ampliação da demanda doméstica. As grandes empresas do setor, motivadas pelas expectativas nacionais e internacionais de ampliação da cultura de cana-de-açúcar, da silvicultura, da área plantada de grãos e da introdução de tecnologias de ponta empreenderam o lançamento de novos produtos.

No decorrer do ano de 2008, esse dinamismo sustentou-se, indicando a manutenção do cenário favorável dos anos precedentes. Outros elementos somaram-se aos indicados acima, uma vez que a demanda por etanol e biocombustíveis, em nível mundial, bem como o au-

mento do consumo de alimentos, contribuiu para a formação de expectativas altamente positivas para o segmento de máquinas agrícolas, tanto no Estado como no País.

Contudo a crise financeira mundial e a queda no preço das *commodities* começaram a alterar esse cenário nos últimos meses de 2008, introduzindo muitas incertezas e provocando queda no ritmo de crescimento da produção. No acumulado jan.-dez./08, a indústria gaúcha de máquinas e equipamentos cresceu 22,11%, quando, no mesmo período de 2007, a taxa havia sido de 33,31% (Tabela 4).

A indústria gaúcha de **veículos automotores** é formada principalmente pelos seguintes produtos: automóveis, jipes, camionetes para passageiros (25%), carrocerias para ônibus (24%) e reboques e semi-reboques (23%).⁵ No conjunto, essa indústria manteve um crescimento em patamares razoáveis (12,94% no período jan.-dez./08), embora, no ano anterior, sua *performance* tenha sido bastante superior (26,05%). A abundância e as facilidades de financiamento para a compra de automóveis contribuíram fortemente para a expansão da demanda doméstica em 2008. As vendas ao exterior continuaram desencorajadas, devido à manutenção da política cambial que valoriza o real frente ao dólar. No que concerne à produção de carrocerias de ônibus, é provável que o efeito do câmbio não traga conseqüências imediatas sobre a produção. Tendo em vista a predominância de grandes empresas gaúchas que lideram os padrões de concorrência internacional, o setor não apresenta forte vulnerabilidade a fatores internos.

A indústria de **alimentos**, embora não tenha apresentado, em 2008, uma taxa de crescimento tão significativa quanto os gêneros anteriormente analisados, merece ser aqui referida, devido ao peso que representa no conjunto da indústria gaúcha, no que concerne tanto ao valor da produção como ao emprego. Quanto mais não fosse, seu desempenho em 2008 foi superior ao de 2007, tendo fechado o período em análise com um crescimento de 7,75%. Essa atividade se beneficiou, por um lado, da demanda interna, sustentada pela ampliação do poder aquisitivo, sobretudo das camadas sociais de baixa renda. Por outro lado, é considerável a importância da exportação de carne congelada de aves, bem como a ampliação do consumo de carne suína no mercado interno. Destaca-se, ainda, o fato de que o RS está vivendo, nos últimos anos, um período de importantes investimentos no setor de leite e derivados. Isso se reflete na ampli-

⁴ Ver nota de rodapé 2.

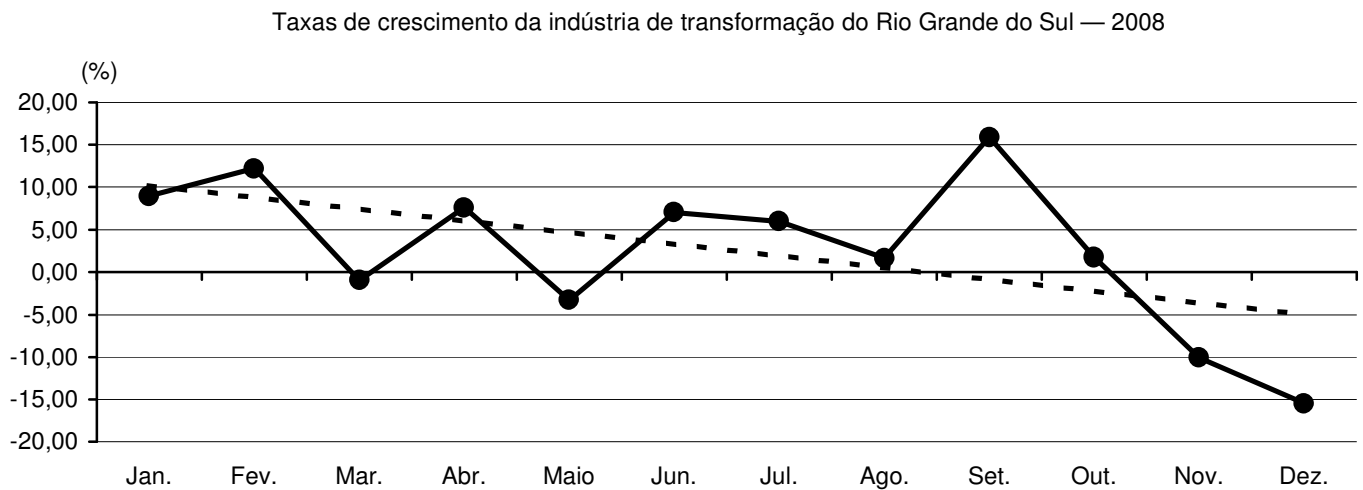
⁵ Ver nota de rodapé 2.

ação de empresas já existentes, na instalação de novas empresas e nas operações de fusões e aquisições, onde o papel de grandes grupos internacionais é proeminente.

Por fim, cabe destacar as indústrias de **refino de petróleo e álcool**, bem como as de **outros produtos químicos**, que integram a cadeia petroquímica em todas as suas etapas. O desempenho desses dois gêne-

ros no RS, em 2008 (ambos entre 6% e 7% negativos), reflete a contração do mercado internacional e a queda dos preços, principalmente no caso das *commodities* petroquímicas. Esses segmentos produtivos têm particular importância no perfil da indústria gaúcha, uma vez que são responsáveis por 13,22% do VTI da indústria de transformação (Tabela 3).

Gráfico 3



FONTE: PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL; número-índice. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 dez. 2008.

Tabela 3

Estrutura da indústria de transformação, segundo o Valor da Transformação Industrial (VTI) e o emprego, do Rio Grande do Sul — 2006

SETORES DE ATIVIDADE	VTI	EMPREGO
Produtos alimentícios e bebidas	16,78	17,61
Produtos químicos	13,22	2,69
Couros, artefatos de couro e calçados	8,96	23,94
Máquinas e equipamentos	8,36	7,75
Veículos automotores, reboques e carrocerias	8,26	5,83
Produtos de metal — exceto máquinas e equipamentos	6,04	7,39
Móveis e indústrias diversas	5,44	6,34
Produtos do fumo	5,24	0,88
Artigos de borracha e plástico	4,71	6,09
Metalurgia básica	3,73	2,11
Subtotal	80,74	80,65
Demais setores	19,26	19,34
TOTAL	100,00	100,00

FONTE: VTI: PESQUISA INDUSTRIAL ANUAL. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.
Emprego: BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. RAIS.
NOTA: Os dados são do ano de 2006, em função do VTI mais recente possível.

Tabela 4

Taxas de crescimento acumuladas da produção física da indústria, por seções e atividades, no Rio Grande do Sul — 2007 e 2008

(%)

SEÇÕES E ATIVIDADES	2007				2008			
	Jan.-Mar.	Jan.-Jun.	Jan.-Set.	Jan.-Dez.	Jan.-Mar.	Jan.-Jun.	Jan.-Set.	Jan.-Dez.
Indústria de transformação	6,25	8,37	7,48	7,43	6,22	4,83	5,73	2,47
Alimentos	5,83	4,95	3,37	3,06	8,08	10,97	8,9	7,75
Bebidas	5,73	9,81	5,59	3,52	-7,45	-8,66	-7,76	-7,82
Fumo	10,02	1,02	-6,56	-5,65	-13,61	-15,54	-8,79	-7,63
Calçados e artigos de couro	-16,18	-11,21	-9,55	-7,64	-1,70	-3,11	-3,33	-7,71
Celulose, papel e produtos de papel	0,41	-1,84	-4,94	-0,22	2,86	7,28	6,34	5,32
Edição, impressão e reprodução de gravações	2,94	8,15	3,80	2,19	-6,39	-3,59	-2,05	0,78
Refino de petróleo e álcool	18,18	36,42	36,30	30,74	12,64	2,58	-2,89	-6,37
Outros produtos químicos	5,13	4,81	2,04	0,51	0,62	-6,59	-2,31	-7,07
Borracha e plástico	8,59	5,26	6,22	4,31	-2,33	3,01	4,47	1,55
Metalurgia básica	7,02	5,77	6,11	7,86	10,87	9,88	11,51	2,27
Produtos de metal — exclusive máquinas e equipamentos	-5,49	-4,29	-0,50	1,76	11,30	8,95	7,95	5,28
Máquinas e equipamentos	14,52	29,60	31,48	33,31	24,85	26,04	27,94	22,11
Veículos automotores	31,16	28,29	29,19	26,05	15,92	18,38	21,81	12,94
Mobiliário	8,93	-0,87	-3,50	-6,07	1,06	7,36	6,69	5,3

FONTE: PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL; número-índice. Rio de Janeiro: IBGE, 2006/2007. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 dez. 2008.

NOTA: 1. Os dados têm por base igual período do ano anterior = 100.

2. O IBGE trabalha com 27 atividades na seção indústria de transformação. Para o RS, somente as atividades acima arroladas apresentam informações.

Conclusões

Em conclusão, o ano de 2008 não foi tão generoso como 2007, nem para a indústria gaúcha nem para a brasileira, mas, ainda assim, houve crescimento. Os problemas começaram a aparecer depois da eclosão da crise financeira estadunidense, que facilmente se espalhou pelo mundo globalizado, gerando uma crise de confiança entre os agentes econômicos e uma deterioração das expectativas. O clima de incertezas, com a redução na oferta de crédito e a queda de liquidez da economia — compra-se menos — mostrará suas consequências mais nitidamente nos primeiros meses de 2009.

A despeito disso, a indústria gaúcha já deu mostras de vulnerabilidade a esses efeitos, com a retração na produção ocorrida desde o mês de outubro.⁶ Em setembro de 2008, a indústria de transformação teve o excepcional crescimento de 15,87% em relação ao mesmo mês do ano anterior. Outubro sinalizou forte queda

(1,73%), mas ainda houve crescimento. A taxa de novembro, por seu turno, que ficou em -10,07%, dá mostras da gravidade da situação. Das 14 atividades arroladas na indústria de transformação, 10 tiveram taxas negativas nesse mês, inclusive veículos automotores (-21,84%) e metalurgia básica (-21,95%), cuja *performance* durante o ano tinha sido impecável. É bom dizer-se que a indústria de máquinas e equipamentos, que produz basicamente bens de capital, ainda se manteve positiva (10,66%). Porém esse valor representa uma desaceleração preocupante, em relação às elevadas taxas de crescimento que atingiu durante o ano.

A indústria gaúcha, sem dúvida, contribui com a brasileira na formatação do novo perfil que esta última vem assumindo na última década, cujos traços principais foram evocados na introdução deste artigo. A especialização em *commodities*, por exemplo, mesmo tendo contribuído significativamente para o saldo da balança comercial do País, para a atração de IDEs e para a sustentação da atividade econômica até aqui, atinge setores que possuem baixa ou média intensidades tecnológicas. Tais setores não contribuem para a difusão interna de inovação, empregam mão-de-obra de fraca qualificação

⁶ Ver nota de rodapé 1.

e baixos salários, e sua atuação não gera significativos efeitos de encadeamento sobre o tecido industrial.

Em consequência, a indústria brasileira está impregnada de uma dose de vulnerabilidade externa que, embora variando de intensidade conforme os setores, explica, em grande parte, o fato de que os efeitos da crise internacional se fizeram sentir (em alguns setores) quase imediatamente à eclosão da crise mundial.

No que respeita à indústria gaúcha, é bom notar que a vulnerabilidade externa é o fator que, de longa data, vem provocando a decadência do complexo coureiro-calçadista, ocorrida a partir das mudanças no cenário competitivo internacional dos anos 90.

A análise dos efeitos da crise econômica atual sobre as indústrias gaúcha e brasileira deverá assumir contornos mais nítidos a partir de meados do primeiro semestre de 2009, quando as adequações produtivas tiverem sido efetuadas pelas empresas. Ademais, somente nesse prazo, as medidas de política econômica recentemente adotadas para enfrentar a crise poderão obter algum resultado a ser avaliado.

Referências

A EVOLUÇÃO da estrutura industrial. **Estudos IEDI** — set. 2008. Disponível em: <http://www.iedi.org.br/admin_ori/pdf/>. Acesso em: 10 jan. 2008.

BREITBACH, A.; CASTILHOS, C. Indústria: sinalização de mais uma década perdida? **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 35, n. 4, p. 73-82, 2007.

CALANDRO, Maria Lucrecia; CAMPOS, Silvia Horst. Bom desempenho da indústria gaúcha em 2007: expansão ou recuperação? **Indicadores Econômicos FEE**, v. 35, n. 4, p. 61-72, 2008.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA — FEE. **Estimativas do PIB Industrial 2008**. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/sitefee/pt/content/estatisticas/>>. Acesso em: 29 dez. 2008.

GOVERNO anuncia mudanças no IR para beneficiar classe média, **G1**, Brasília, 11 dez. 2008. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios/>. Acesso em: 11 dez. 2008.

PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL: número-índice. Rio de Janeiro: IBGE, 2006/2008. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 12 jan. 2009.

VINÍCOLAS aumentam produção de espumantes, **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p. 19, 2 out. 2008.

